



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GUSTAVO LEONARDO BARRETO SILVA

**UM HERDEIRO PARA A HERANÇA:
A Construção Discursiva de João Campos enquanto Herdeiro Político na Propaganda
Eleitoral de Pernambuco**

RECIFE

2024

GUSTAVO LEONARDO BARRETO SILVA

**UM HERDEIRO PARA A HERANÇA:
A Construção Discursiva de João Campos enquanto Herdeiro político na Propaganda
Eleitoral de Pernambuco**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
colegiado do Curso de Ciências Sociais
(Licenciatura) da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Gustavo Leonardo Barreto .

Um Herdeiro para a Herança: a construção discursiva de João Campos enquanto herdeiro político na propaganda eleitoral de Pernambuco / Gustavo Leonardo Barreto Silva. - Recife, 2024.

46 : il.

Orientador(a): Maria Eduarda da Mota Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Herança Política. 2. João Campos. 3. Propaganda eleitoral. 4. Pernambuco. I. Rocha, Maria Eduarda da Mota. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

GUSTAVO LEONARDO BARRETO SILVA

UM HERDEIRO PARA A HERANÇA:

**A Construção Discursiva de João Campos enquanto Herdeiro Político na Propaganda
Eleitoral de Pernambuco**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
colegiado do Curso de Ciências Sociais
(Licenciatura) da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em: 26/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Douglas da Silva Tavares (Examinador Externo)

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Neste momento, recordo-me da minha formatura do ABC em que eu desobedeci a ordem da professora de decorar o texto que seria apresentado durante o evento. Afinal, essa era a ocasião de mostrar que havia sido alfabetizado. No meu entendimento teria que ler aquele parágrafo de três linhas. Por mais que tenha treinado com antecedência, existia uma palavra bastante difícil de ser lida: so-li-da-ri-e-da-de. Palavra comprida, que faz a língua dançar na boca. Por mais que tenha lançado ela ao ar para todas as pessoas convidadas daquela formatura e recebido risos e aplausos como resposta, ainda não compreendia a importância do seu significado.

Hoje, compreendo que o processo até chegar à conclusão do curso de licenciatura de Ciências Sociais foi repleto de solidariedade, de apoio, de reciprocidade e de ser solidário com os outros e dos outros comigo. Seja a solidariedade de amigos e colegas, familiares ou professores. Porque “um sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas um sonho que se sonha junto é realidade”, conforme os versos populares cantados por Raul Seixas. Assim, busco agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e realização desse sonho.

Agradeço primeiramente à minha mãe, Dedé, e ao meu pai, Baleú, pelo apoio incondicional à minha formação educacional. Desde os esforços para proporcionar uma educação de qualidade até a expectativa da conquista do diploma universitário, uma realidade até então distante para eles.

Aos demais familiares que sempre me apoiaram e incentivaram meus estudos.

À minha orientadora Maria Eduarda da Mota Rocha, pela orientação, por suas importantes contribuições e por incentivar a minha criatividade e maturidade diante de cada etapa deste trabalho.

Ao professor Douglas Tavares, por ter se dedicado desde o meu ensino médio em estimular minha carreira científica e provocar a curiosidade característica de um pesquisador.

Aos professores que contribuíram para a minha formação, pela dedicação em transmitir conhecimento e provocar a imaginação sociológica, mesmo em períodos politicamente nebulosos.

À minha companheira, Ana Bárbara, que me ensina diariamente o poder do amor.

Ao meu amigo Ruy, primo de 3º grau, que conheci na universidade e que tornou-se um irmão, por todos os conselhos, alívios cômicos e rotina nesses últimos anos.

Aos meus amigos Helb, Bruna, Mirella e Stephanie, pela rede de apoio e amizade.

Por fim, agradeço aos meus queridos amigos de curso, em especial a Ellen, Judy, Mariana, Leandra, Elisa, Janaina, Cláudio e Bruno, pelas boas conversas, pelos momentos compartilhados, pelos risos e pela troca de conhecimento ao longo desses anos.

*“Sempre topei com madeira de lei
A ciência já me fez cupim de ferro.”*
Lenine, Jorge du Peixe et al. (2015)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar a construção discursiva da figura de João Campos enquanto herdeiro político legítimo do seu pai, Eduardo Campos, e do seu bisavô, Miguel Arraes, através das propagandas eleitorais pernambucanas de 2018 e 2020. Os objetivos específicos da pesquisa concentraram-se em identificar a construção da persona política de João Campos, na análise da dinâmica do campo político pernambucano e na investigação sobre o emprego de mecanismos intersemióticos nas propagandas eleitorais a operar a transferência de capital simbólico entre os membros da família para a construção discursiva do herdeiro político. Para tanto, como referencial metodológico utilizado, foram empregadas a análise de trajetória, proposta por Bourdieu (2006), para uma compreensão da trajetória política de João Campos e da dinâmica do campo político pernambucano e, em complemento, a análise das estratégias discursivas multissemióticas, desenvolvida por Tavares (2022), que auxilia na construção de sentido à ação política e às estratégias contidas nas propagandas eleitorais das campanhas de João Campos. Como referenciais teórico da sociologia política e da ciência política, foram utilizados os trabalhos de Bourdieu (1989; 1996; 1999; 2006; 2011), Miguel, Marques e Machado (2015), Oliveira (2018) e Monteiro (2016), para uma análise do conjunto de capitais monopolizados pela Família Arraes-Campos e instrumentalizados por João Campos durante a eleição, como também, Carsten (2014) e Villela e Marques (2017) no que diz respeito à matéria de parentesco e ao “sangue”. Para, assim, compreender-se como o sangue e a esperança são transformadas em substâncias condutoras da herança entre João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes.

Palavras-chave: Herança Política; João Campos; Propaganda eleitoral; Pernambuco.

ABSTRACT

This work aims to identify and analyze the discursive construction of João Campos as the legitimate political heir of his father, Eduardo Campos, and his great-grandfather, Miguel Arraes, through the electoral propaganda in the state of Pernambuco in 2018 and 2020. The specific objectives of the research focused on identifying the construction of João Campos' political persona, analyzing the dynamics of the political field in Pernambuco, and investigating the use of intersemiotic mechanisms in electoral propaganda to transfer symbolic capital among family members for the discursive construction of the political heir. To do so, the methodological framework used included trajectory analysis, proposed by Bourdieu (2006), to understand João Campos' political trajectory and the dynamics of the political field in Pernambuco, and, additionally, the analysis of multisemiotic discursive strategies developed by Tavares (2022), which helps to construct meaning in political action and strategies contained in João Campos' electoral campaigns. The theoretical references in political sociology and political science included the works of Bourdieu (1989; 1996; 1999; 2006; 2011), Miguel, Marques, and Machado (2015), Oliveira (2018), and Monteiro (2016), to analyze the set of capitals monopolized by the Arraes-Campos family and instrumentalized by João Campos during the election, as well as Carsten (2014) and Villela and Marques (2017) regarding kinship and "blood." Thus, we seek to understand how "blood" and "hope" are transformed into guiding substances of the inheritance between João Campos, Eduardo Campos and Miguel Arraes.

Keywords: Political Inheritance; João Campos; Electoral Propaganda; Pernambuco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. TRAJETÓRIA, CAMPO E ESTRATÉGIAS MULTISSEMIÓTICAS: IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESTUDO DA HERANÇA POLÍTICA NA PROPAGANDA ELEITORAL.....	13
2.1 Corpora.....	13
2.2 Análise da Trajetória Política.....	14
2.3 Análise das Estratégias Discursivas Multissemióticas.....	16
2.3.1 Metafunções.....	17
3. A HERANÇA E O HERDEIRO.....	19
3.1 A Família Arraes-Campos.....	19
3.2 Educação Vem de Casa e das Melhores Escolas do Recife.....	23
3.3 2014: o ano que não terminou.....	26
3.4 Da morte de Eduardo Campos à ascensão política de João Campos.....	28
4. ALGUMAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO HERDEIRO POLÍTICO JOÃO CAMPOS.....	31
4.1 O Sangue Importa?.....	32
4.2 O Herdeiro da Esperança.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

“O menino de Eduardo”, “filho da esperança”, “o filho de Eduardo”, “o neto (bisneto) de Arraes”, “herdou o jeito do pai”, são expressões que se tornaram frequentes nas menções ao político pernambucano João Campos, nas suas inserções midiáticas de propaganda eleitoral durante os pleitos de 2018 e 2020. Esse fenômeno vem chamando bastante atenção, pois atrelado a ele surgem questionamentos a respeito das estratégias contidas nas propagandas eleitorais do candidato para a construção e consolidação da sua imagem enquanto herdeiro político legítimo do seu pai, Eduardo Campos, e do seu bisavô, Miguel Arraes, diante do eleitorado pernambucano.

Nas eleições de 2018, João Campos concorreu ao cargo eletivo de deputado federal por Pernambuco, pleito do qual obteve a maior votação da história para a vaga no Estado. Durante o período de campanha eleitoral, o seu slogan era ser o “filho da esperança”, o menino de Eduardo, que havia falecido em um trágico acidente aéreo quatro anos antes. Já na eleição municipal de 2020, João Campos se candidatou a prefeito da capital Recife com o mote “a esperança se renova”. Essa eleição, da qual ele saiu vitorioso, foi marcada por uma disputa familiar, protagonizada por João Campos e sua prima de segundo grau Marília Arraes.

Herdeiro de uma das principais famílias políticas de Pernambuco, João Henrique de Andrade Lima Campos nasceu em 26 de novembro de 1993, na cidade do Recife. Ele é filho do ex-governador de Pernambuco, Eduardo Henrique Accioly Campos, e da auditora do Tribunal de Contas do Estado, Renata de Andrade Lima Campos. João é o segundo filho do casal e possui mais quatro irmãos: Maria Eduarda (a irmã mais velha), Pedro Campos, José Campos e Miguel (o irmão mais novo). Ele também é neto da ex-ministra do Tribunal de Contas da União, Ana Arraes, e bisneto do também ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar, que deu início à história política da família Arraes-Campos.

As famílias políticas “são aquelas que ocupam cargos públicos eletivos e de representação e cargos de comando há mais de meio século no Estado” (Monteiro, 2016, p. 29). No caso da família Arraes-Campos, sua origem política tem início na segunda metade da década de 40, quando Miguel Arraes passa a assumir cargos públicos no alto escalão da estrutura estatal de Pernambuco. De lá para cá, Arraes foi eleito prefeito do Recife, deputado estadual, duas vezes governador de Pernambuco e três vezes deputado federal, sendo um dos mais votados na história do Estado. Outro membro da família, Eduardo Campos, foi deputado estadual, teve três mandatos consecutivos como deputado federal, foi ministro da ciência e tecnologia e governador do Estado de Pernambuco por duas vezes.

Toda essa história política de Arraes e Eduardo, que envolve concentração de poder e a implementação de uma série de políticas públicas, gera um importante reconhecimento social e capital simbólico para a família Arraes-Campos. Por exemplo, a ideia de representar a esperança do povo oprimido foi, inicialmente, usada por Miguel Arraes desde a sua campanha para governador na década de 60 e que foi usada, também, por Eduardo Campos, o qual era assumido como o herdeiro político de Arraes. É nesta linha temporal, que João Campos terá a sua imagem e as suas campanhas assentadas.

De acordo com Monteiro (2016, p.21), “tornou-se um tanto quanto ‘natural’ os quadros políticos serem constituídos a partir das famílias políticas, como se estas fossem construídas e constituídas por meio da transmissão biológica tão somente”. Esse discurso dominante produzido e reproduzido pelas famílias políticas que naturaliza e consente a política como “coisa de sangue” permanece no imaginário de boa parte da população, o que faz com que o direito ao sangue permeie a nossa cultura política, principalmente durante um processo de sucessão eleitoral. Resta, então, saber como esse discurso é concretizado nas peças de propaganda eleitoral de João Campos.

Há muito o que se refletir em torno da imagem do herdeiro político João Campos. Por exemplo, como ele se apresenta para os eleitores enquanto merecedor de votos e quais atributos utiliza para convencer a população que pode perpetuar o legado de Eduardo Campos e Miguel Arraes em suas propagandas eleitorais. Diante deste quadro, buscaremos entender como a imagem de João Campos é construída discursivamente e de que maneira a transmissão de capital político é operada na propaganda. Cabendo, assim, o trabalho sociológico de desmistificar e desnaturalizar as coisas sociais convertidas em propriedade de ordem natural.

Com base nisso, este trabalho buscará analisar a construção discursiva da figura de João Campos enquanto herdeiro político legítimo do seu pai, Eduardo Campos, e do seu bisavô, Miguel Arraes, através das propagandas eleitorais pernambucanas de 2018 e 2020. Para isso, serão analisadas a construção da persona política de João Campos, sua dinâmica no campo político e como um conjunto de capitais simbólico, econômico, cultural e social são monopolizados pela família Arraes-Campos e mobilizados em torno da figura de João Campos para a sua ascensão política. Também, será investigado o emprego de mecanismos intersemióticos nas propagandas eleitorais a operar a transferência de capital simbólico entre os membros da família para a construção discursiva do herdeiro político.

Como metodologia utilizada, será empregada a análise de trajetória, proposta por Bourdieu (2006), para uma compreensão da trajetória política de João Campos e da dinâmica do campo político pernambucano. Em complemento, também será aplicada a análise das

estratégias discursivas multissemióticas, desenvolvida por Tavares (2022), para dar sentido à ação política e às estratégias contidas nas propagandas eleitorais das campanhas de João Campos de 2018 e 2020.

No capítulo ‘A Herança e o Herdeiro’ buscaremos entender como se desenvolveu historicamente a dinâmica do campo político pernambucano, a construção do capital simbólico da família Arraes-Campos e como, em conjunto com outros capitais, o simbólico foi monopolizado e empregado para a ascensão política de João Campos. Alguns dos capitais observados na pesquisa, são o capital simbólico, o capital social, o capital econômico e o capital cultura. Também, como eventos inesperados, como a trágica morte de Eduardo Campos, podem impactar o campo político e acelerar o processo de sucessão político-familiar.

Em seguida, no capítulo intitulado como ‘Algumas Estratégias Discursivas do Herdeiro Político João Campos’, passaremos a analisar alguns materiais de campanha de João Campos, buscando identificar as estratégias discursivas empregadas para construção da figura de João Campos enquanto herdeiro político legítimo do legado da sua família.

Na primeira parte do capítulo, analisaremos o vídeo de propaganda eleitoral de João Campos, *Meu Sangue é de Luta* (2018), pensando a importância da substância “sangue” para as estratégias discursivas de sucessão política e como o sangue pode ser elemento condutor da transmissão de capital político entre João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes. Na segunda parte, em ‘O Herdeiro da Esperança’, analisaremos um conjunto de materiais gráficos das campanhas de 2018 e de 2020, refletindo sobre como o termo esperança pode ter sido operacionalizado para a concretização do discurso da herança política.

Desse modo, através das propagandas eleitorais pernambucanas de João Campos de 2018 e de 2020, este trabalho buscará compreender o processo de construção discursiva da sua figura enquanto herdeiro político legítimo do seu pai, Eduardo Campos, e do seu bisavô, Miguel Arraes. Também, observará-se o cuidado em não reproduzir modelos melodramáticos de narrativa, já que tal investigação não procura construir a imagem de mocinho ou vilão, mas investigar um estudo de caso sociológico político. Bem como, não basta apenas pensar uma herança para um herdeiro, mas faz-se necessária a análise de como esse herdeiro foi construído para herdar essa herança.

2. TRAJETÓRIA, CAMPO E ESTRATÉGIAS MULTISSEMIÓTICAS: IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESTUDO DA HERANÇA POLÍTICA NA PROPAGANDA ELEITORAL

Para alcançar os objetivos estabelecidos para análise da construção discursiva da herança política e da transmissão de capital simbólico entre os agentes políticos da Família Arraes-Campos e João Campos, utilizou-se uma abordagem qualitativa. Como instrumentos metodológicos, foi empregada a análise de trajetória, proposta por Bourdieu (2006), para uma compreensão da trajetória política de João Campos e da dinâmica do campo político pernambucano. Em complemento, também foi aplicada a análise das estratégias discursivas multissemióticas, desenvolvida por Tavares (2022), para dar sentido à ação política e às estratégias contidas nas propagandas eleitorais das campanhas de João Campos à deputado federal, em 2018, e a prefeito do Recife, em 2020.

Como poderá ser observado ao longo do trabalho, fez-se necessário o diálogo entre os métodos da análise de trajetória e a análise das estratégias discursivas multissemióticas, uma vez que as relações históricas de poder desenvolvidas no campo político produzem signos a partir de diferentes recursos semióticos que se manifestam nos enunciados, como no caso do material de propaganda eleitoral. Através desse material, buscou-se investigar quais são os mecanismos semióticos em evidência e as estratégias utilizadas para a concretização da sucessão política.

A abordagem teórica aqui adotada relaciona-se à perspectiva de uma sociologia política do poder político familiar (Monteiro, 2016; Oliveira, 2018). Para isso, foram tomados enquanto referenciais teóricos da sociologia política e da ciência política Bourdieu (1989; 1996; 1999; 2006; 2011), Miguel, Marques e Machado (2015), Oliveira (2018) e Monteiro (2016), para uma análise do conjunto de capitais (simbólico, social, econômico, cultural) monopolizados pela Família Arraes-Campos e instrumentalizados por João Campos durante a eleição. Como também, Carsten (2014) e Villela e Marques (2017) no que diz respeito à matéria de parentesco e a substância “sangue”, em específico.

2.1 Corpora

Como material para a análise da trajetória de João Campos, foram utilizados os dados secundários das entrevistas ‘Filho de Eduardo Campos perpetua o poder da família em Pernambuco’, do El País (2018), e ‘O Herdeiro’, da Revista Piauí (2021), para entender o dinâmica do campo político do agente e sua interpretação de mundo. Também, analisamos a

carta de João Campos a Sileno Guedes, de 2014. Assim como, para a compreensão da sua formação escolar, foram considerados os vídeos ‘Aluno do 2º ano aprovado na UFPE’, do canal do Youtube do Colégio Damas (2011), e um segundo vídeo com João Campos publicado no instagram da Escola Arco-Íris Recife (2023).

No que diz respeito à análise das estratégias discursivas multissemióticas, os corpora aqui reunidos são formados pelo vídeo de propaganda eleitoral de João Campos de 2018, ‘Meu Sangue é de Luta’, para observar a questão da substância “sangue” e a transmissão de capital simbólico. Também, foi analisado um conjunto de 3 materiais gráficos das campanhas de 2018 e de 2020 de João Campos, o que permitiu refletir como essas peças publicitárias podem portar mecanismos semióticos que contribuem na construção da figura de João Campos enquanto herdeiro político legítimo da sua família. Em adição, para fins comparativos, foram empregadas uma peça da campanha de Eduardo Campos de 2006 e uma de Miguel Arraes de 1986.

2.2 Análise da Trajetória Política

Na primeira fase do trabalho, concomitantemente à revisão de literatura, adotamos a análise de trajetória de Bourdieu (2006) como método de pesquisa. Com base no autor, a análise de trajetória corresponde à investigação do deslocamento do indivíduo pelo espaço social. Assim, diferentemente da criação artificial da realidade característico das biografias, a análise de trajetória não delimita os processos históricos de maneira cronológica e linear, pois admite um mundo social complexo, descontínuo e contraditório. Adotar esse instrumento metodológico contribui para fugir de padrões de um enredo melodramático, evitando oferecer o papel de herói, ou mesmo de vilão, ao objeto de pesquisa, João Campos.

Além disso, a construção retórica da trajetória de João Campos ajuda a situar o leitor diante desse objeto de pesquisa. Ao adotar a análise de trajetória, passamos a compreender João Campos como agente do seu campo primordial, que neste caso é o campo político pernambucano. Essa delimitação no campo político, em específico, ocorre em decorrência do recorte da pesquisa no fenômeno da sucessão política em Pernambuco. Desse modo, faz-se necessária uma percepção não apenas sobre João, mas também sobre a sua relação com outros agentes desse campo e os estados sucessivos do mesmo. Por isso:

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo

número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (Bourdieu, 2006, p. 190).

A noção de campo político é definida por Bourdieu (2011, p.195) como um microcosmo social, “um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social” e portador de uma lógica própria. Como característica específica desse campo, existe uma dependência com relação a uma massa de pessoas externas a esse espaço, que podem em determinados momentos decidir os processos internos de disputas, como ocorre durante uma eleição, por meio do voto. A partir disso, compreende-se que a busca por entender um político, também exige a compreensão do campo onde aquele agente atua.

[...] a noção de campo relativamente autônomo obriga a colocar a questão do princípio das ações políticas e obriga a dizer que, se queremos compreender o que faz um político, é por certo preciso buscar saber qual é sua base eleitoral, sua origem social, mas é preciso não esquecer de pesquisar a posição que ele ocupa no microcosmo e que explica uma boa parte do que ele faz (Bourdieu, 2011, p. 199).

Dessa forma, Bourdieu (2011) orienta que, para a compreensão do fazer político, é necessário investigar a origem social, a base eleitoral e a posição do indivíduo no campo político. Logo, buscamos analisar tais perspectivas para um entendimento da persona política e da trajetória de João Campos. Arelada à origem social, baseado na metodologia de Oliveira (2018), para uma compreensão do contexto específico que está situada esta pesquisa, também procuramos identificar a genealogia da família Arraes-Campos, para entender quais são os “nomes” e “sobrenomes” que contribuíram para construção do poder político desse clã em Pernambuco.

De acordo com Oliveira (2018, p.36), “se tem uma estrutura que é muito importante ao lado das outras instituições é a estrutura familiar”. Trata-se de uma estrutura em que genealogias, trajetórias e o poder político se inter cruzam e se confundem. Algo que o historiador Evaldo Cabral de Mello (2000) chama de Familismo, pelo fato de “família e Estado haverem sempre vivido em escandaloso contubérnio” no Brasil, ou seja, conviverem sob o mesmo teto em uma espécie de relação matrimonial. Por isso, para analisar a trajetória de João Campos e a dinâmica do campo político ao qual ele pertence, também será necessário compreender a história da sua família, pois:

[...] família é um elemento ativo no campo político. Não se decidem as questões, a agenda política, a arena de interesses só no campo político. Muitas vezes isso já vem decidido do campo familiar. Então, a família como unidade social vai mostrar qual é a lógica, a racionalidade das instituições políticas (Oliveira, 2018, p.39).

Atrelado a isso, o que vai definir a posição de cada agente no campo, é o conjunto de bens simbólicos e materiais disponíveis ao indivíduo (na maioria das vezes, proporcionado por seu grupo familiar), ou seja, o quanto de capital ele dispõe. Assim, “o poder passa a ser constituído na relação entre diferentes posições que distribuem desigualmente capitais específicos de um campo [...]” (Monteiro, 2016, p. 24), conferindo posições distintas entre os agentes para produzir ganhos nas lutas que caracterizam o mesmo campo. Por isso, é válido compreender o campo político como um campo dinâmico de lutas e disputas¹, em que alguns agentes terão uma posição de privilégio e dominação perante outros.

A partir de tal perspectiva, foi elencado um conjunto de capitais monopolizados pela família Arraes-Campos, que ajudam a explicar a trajetória e as estratégias discursivas do herdeiro político João Campos. Alguns dos capitais observados na pesquisa, foram: 1) o capital simbólico, forma de poder de reconhecimento social atribuído àqueles que tiveram reconhecimento suficiente² e que precisamos verificar como ele aparece na propaganda política; 2) o capital social, para pensar a rede de relações herdada da família; 3) o capital econômico, como os recursos financeiros disponíveis para as suas façanhas políticas e eleitorais; e; 4) o capital cultural, como as aptidões educacionais, técnicas e emocionais. Cada um desses capitais funcionam como distintivos que possibilitam ao portador acessar uma posição dominante no campo político.

2.3 Análise das Estratégias Discursivas Multissemióticas

Para pensar o diálogo entre a trajetória política de João Campos e as estratégias discursivas multissemióticas empregadas no seu material de campanha eleitoral, partimos do pressuposto de que discurso é ação e essa ação se manifesta por meio dos enunciados contidos, por exemplo, nas propagandas eleitorais de João Campos. Vale ressaltar que todo discurso está vinculado ao contexto social no qual foi produzido. Como havia dito, as relações históricas de poder desenvolvidas no campo político produzem signos a partir de diferentes recursos semióticos que se manifestam nos enunciados, como no caso do material de campanha. Contudo, para que o discurso possa se concretizar de maneira eficaz, ele precisa ser reconhecido socialmente como legítimo.

Assim, para a análise de dados, a partir da seleção de um conjunto de materiais audiovisuais das propagandas eleitorais de João Campos de 2018 e 2020, adotamos do campo da Linguística e da semiótica social, a Análise das Estratégias Discursivas Multissemióticas,

¹ Bourdieu, 2011.

² Bourdieu, 1987, p. 164.

modelo proposto por Tavares (2022). Essa ferramenta metodológica é baseada na Análise Crítica do Discurso de Base Multimodal, de Lim (2002), em adição à abordagem da Semiótica Social, que considera fatores culturais e sociais a agir na constituição e nos sentidos do conjunto dos diferentes signos. Oferecendo, desta forma, a possibilidade de compreensão dos sentidos e, conseqüente, da ação discursiva em concretização por meio de um referido texto.

2.3.1 Metafunções

Um dos primeiros conceitos que devemos discutir nesta parte de nosso trabalho está relacionado ao entendimento sobre língua. Para tanto, tomamos as ideias de Halliday e Matthiessen (2014). De acordo com esses autores, a língua é, antes de tudo, um sistema semiótico cujos recursos são empregados em situações de interação e com funções determinadas nessas referidas situações.

Assim, as línguas humanas apresentam características como ranking escalar, plano material, plano de conteúdo, de contexto imediato e plano de contexto de cultura. Além desses aspectos, as línguas humanas também são construtos empregados com a finalidade de realizar trocas. Tais trocas podem ser: dar ou receber informação e dar ou receber um bem/serviço.

Consequentemente, toda vez que um determinado falante faz uma escolha do sistema semiótico verbal, essa pessoa o faz com o objetivo de dar uma função a este signo com o objetivo de realizar uma das trocas supracitadas. Tais funções dos signos manifestam-se por meio de determinados significados. A esses significados, são dados os nomes de metafunções.

De acordo com Tavares (2022, p.10), ao considerarmos as línguas enquanto um sistema semiótico, admitimos que essa língua é empregada para produção de discursos os quais “(...) são processos de construção de sentidos realizados pela seleção em um conjunto total de opções do que pode ser significado no contexto de uso”. Nesses processos, as pessoas concretizam as escolhas sistêmicas a partir de negociações com o seu contexto imediato de interação, com o gênero discursivo empregado e com a sua tradição social para a construção do significado desejado naquela determinada ocasião.

Assim, segundo a noção da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), toda vez que uma pessoa utiliza um signo qualquer, ela realiza tal escolha por haver um determinado objetivo, uma meta. Para isso, será necessário dar função para os signos escolhidos. Essas funções são três: 1) representar uma experiência; 2) estabelecer e representar os relacionamentos entre os participantes interativos e os participantes representados dessa experiência; e 3) construir a estrutura do texto com coesão e coerência. Contudo, chamo atenção que uma compreensão

muito finalista da ação social poderia entrar em choque com a visão bourdieusiana, mas a análise proposta é focada na propaganda eleitoral que, por definição, é ação estratégica.

As metas ocorrem de forma simultânea, sendo cada uma delas escolhida para exercer uma determinada função. Desta maneira, temos as Metafunções, “(...) que são fenômenos da língua que nos dão ideia de quais aspectos experienciais, lógicos, de relações e textuais estão envolvidos na construção ou troca de sentidos que é estabelecida pelo usuário a partir de texto oral ou escrito” (Tavares, 2022, p.16). Tais Metafunções dividem-se em metafunção interpessoal, metafunção textual e metafunção ideacional.

No primeiro caso, a metafunção interpessoal é aquela que vai representar e, concomitantemente, estabelecer os relacionamentos entre os participantes interativos e representados. Ou seja, quem são os participantes, quais seus valores sociais, quais papéis sociais são estabelecidos para cada um. No caso da metafunção textual, vamos observar a questão da progressão textual. Pois, a depender da ordem e da sequência que for construído um determinado texto, isso irá estabelecer diferentes significados.

Passemos então a discutir de forma um pouco mais detalhada a metafunção ideacional, uma vez que buscamos analisar, neste trabalho, os significados experienciais dessa metafunção no trânsito de significados entre os recursos semióticos verbais e pictóricos. Tal metafunção ideacional é aquela que vai representar e estabelecer as experiências de mundo (real ou interior) do indivíduo. Podendo ser subdividida em significado experiencial e o significado lógico, concentraremos as nossas análises no experiencial que, com base em Tavares (2022, p.16), “(...) é aquele (significado) que organiza ou representa nossas experiências DO e NO mundo”.

A metafunção ideacional é aquela da semântica da transitividade. Em termos do significado experiencial, vemos que há processos e nesses processos estão envolvidos participantes e circunstâncias. Os processos são classificados em:

A) Processo Material: trata-se daquele designador do fazer ou acontecer de alguma entidade e, assim, concretizam a experiência eminentemente do mundo exterior. Os participantes desse processo são Ator (quem ou o que faz), Meta (quem ou o que sofre a ação), Beneficiário (quem ou o que se beneficia da ação) e Escopo (grupo nominal que expande o sentido do processo verbal. Ex. Tomar banho onde banho é o escopo); B) Processo Mental: expressam experiências da dimensão interior ou psíquica dos seres humanos como pensar, sentir, perceber e querer. Os participantes de tal processo são: Experienciador (quem sente e pensa) e Fenômeno (o que é sentido, percebido ou pensado); C) Processo Relacional: estabelecem relações entre duas entidades, caracteriza-as ou mesmo identifica-as. Os participantes desse processo são: Portador,

Atributo, Identificador, Identificado; D) Processo Verbal: aquele que expressa o dizer, comunicar ou explicar de dado participante. Os participantes desse processo são: Dizente (quem produz a mensagem), Verbiagem (a mensagem), Receptor e Alvo; E) Processo Existencial: como o próprio nome faz supor, exprime o que existe. Os seus participantes são: Existentes; F) Processo Comportamental: representam formas de comportamento humano tanto de natureza fisiológica quanto psicológica. Os participantes aqui são: Comportante (majoritariamente humano) e Comportamento. (TAVARES, 2022, p.17)

Por seu turno, as circunstâncias são: de extensão de tempo e lugar, quando expressam uma medida quer de tempo quer de espaço físico; de localização de tempo e de lugar: como o próprio termo expressa, exprime a localização exata no tempo ou no espaço; de modo; de causa; de contingência: expressa uma condição ou uma concessão; de companhia, tanto humana quanto inumana; de ferramenta: com o que se desempenha uma tarefa; de assunto: sobre o que se fala.

A partir dos trabalhos de Lim (2002), O'Halloran (2005), Newfield (2007) e Tavares (2022) ficou convencionado que essas mesmas abordagens concernentes às metafunções em geral, e consequentemente ao significado experiencial da metafunção ideacional, podem ser aplicadas a todo e qualquer sistema semiótico, como o pictórico/imagético, sonoro, matemático, cromático, espacial, etc.

Como recorte da Análise das Estratégias Discursivas Multissemióticas, focamos principalmente nos sistemas semióticos textual verbal, pictórico e sonoro (quando se tratou do vídeo), e nas suas relações intersemióticas³, que terá o papel de nos ajudar a compreender como um recurso semiótico dialoga entre si para a produção do significado nas propagandas eleitorais de João Campos. A fim, portanto, de compreender como se manifesta o fenômeno da sucessão política por meio da definição de estratégias discursivas semióticas no objeto analisado.

3. A HERANÇA E O HERDEIRO

3.1 A Família Arraes-Campos

Historicamente, o quesito família é determinante para compreender a política e a economia pernambucana. Desde a sua primeira divisão territorial e administrativa colonial implantada pela Coroa Portuguesa, constituída pelas Capitânias Hereditárias, o poder político e administrativo da região é definido a partir dos núcleos familiares. Essa estrutura familiar de

³ A Intersemiiose pode ser compreendida como processo de produção de significados discursivos realizado por meio do trânsito semântico entre dois ou mais signos de diferentes sistemas semióticos.

poder repercutiu na administração da província durante o Brasil Império, na formação das famílias dos engenhos de cana-de-açúcar, e, portanto, na consolidação de uma elite local interligada por laços familiares.

Mas essa estrutura familiar de poder não fica localizada temporalmente apenas no período do Brasil Colônia e do Império. Todos os processos históricos posteriores, tiveram a participação e a negociação com essa estrutura social e política vigente. Ela esteve presente na formação da Primeira República, na Era Vargas, na Ditadura Militar e na redemocratização do Brasil. Também, a nível local, tal arranjo passa pelas disputas (muitas vezes violentas) entre clãs familiares no interior de Pernambuco. Assim como, podemos citar o caso de Miguel Arraes de Alencar, cujo poder político é explorado até os dias de hoje por sua família, que, atualmente, tem como principal figura o atual prefeito do Recife, João Campos. O qual terá a sua trajetória e as suas estratégias para transmissão da herança política analisadas neste trabalho.

A origem política da família Arraes-Campos tem início na segunda metade da década de 40, quando Miguel Arraes casa-se com Célia de Souza Leão, herdeira de uma das famílias mais ricas e tradicionais de Pernambuco, e entra na carreira política. Em 1947, Arraes assumiu o cargo de secretário estadual da Fazenda de Pernambuco no governo de Barbosa Lima Sobrinho (1947-1951), cargo que voltaria a assumir entre 1959 e 1960 no governo de Cid Sampaio, até eleger-se prefeito do Recife em 1960. Também, ele foi deputado estadual por dois mandatos consecutivos (1951-1959), elegeu-se três vezes deputado federal por Pernambuco (1983-1987, 1991-1995, 2003-2005) e foi três vezes governador de Pernambuco (1963-1964, 1987-1990, 1995-1999). Ainda, Arraes presidiu nacionalmente o Partido Socialista Brasileira (PSB) de 1999 a 2005, ano em que faleceu.

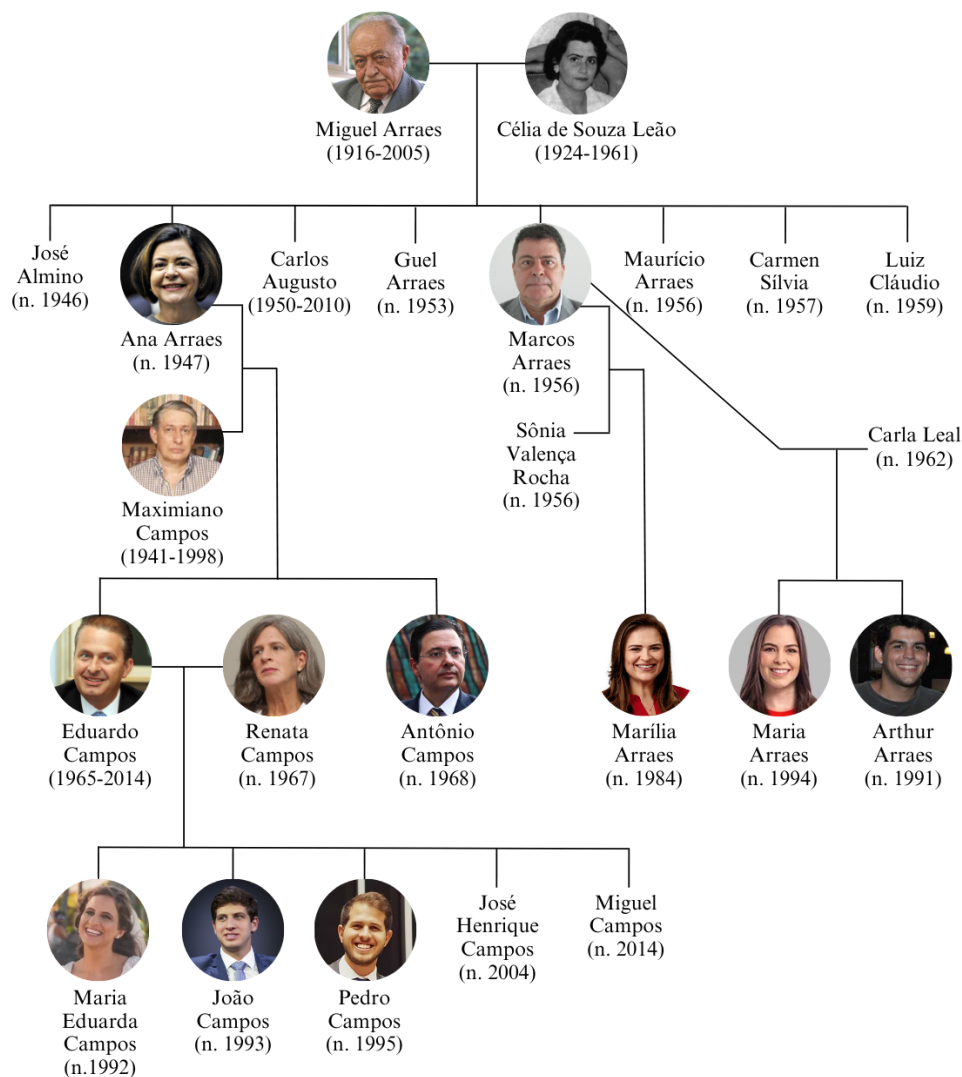
As gestões de Miguel Arraes foram pioneiras em muitos aspectos. Como prefeito do Recife, construiu importantes vias, como a ponte do limoeiro, as avenidas Norte, Sul, Conselheiro Aguiar e Abdias de Carvalho⁴. Também, promoveu investimentos importantes na área da educação e da cultura, criando o Movimento de Cultura Popular-MCP e inaugurando diversas escolas. Como governador de Pernambuco, Arraes criou o Acordo do Campo, que “teve como princípio a implantação de relações trabalhistas mais justas dos canavieiros com os donos de usinas”⁵. No seu segundo mandato como governador, Arraes promoveu o programa de eletrificação rural, criou o chapéu de palha (programa que garantia apoio aos canavieiros durante o período da entressafra) e a Fundação de Amparo à Pesquisa (Facepe),

⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5516020/>.

⁵ Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/miguel-arraes-de-alencar-1916-2005>.

entre outras realizações que marcaram a história política do Estado e o imaginário coletivo da população pernambucana.

Infográfico 1 - Árvore genealógica da Família Arraes-Campos



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Arraes e Célia tiveram oito filhos: José Almino, Ana Arraes, Carlos Arraes, Guel Arraes, Marcos Arraes, Maurício Arraes, Carmen Arraes e Luiz Cláudio Arraes. Após a morte de Célia em 1961, Arraes casou-se com Maria Magdalena Fiúza Arraes de Alencar em 1962, com quem teve mais dois filhos: Mariana Arraes e Pedro Arraes. Também em 1962, após ser eleito pela primeira vez governador, Arraes acaba sendo impossibilitado de concluir seu mandato em consequência do Golpe Cívico-Militar de 1964, quando foi acusado de “subversão”. Exilado na Argélia, retornou ao Brasil apenas em 1979, ano da sua anistia. Durante esse período, em 1965, nasceu seu neto Eduardo Campos, filho de Ana Arraes e do

poeta Maximiano Campos, que não herdou o sobrenome da família materna para evitar possíveis perseguições políticas do Regime. Por esse motivo, assumimos a nomenclatura “Arraes-Campos” ao me referir à família, já que se trata de um mesmo núcleo de parentesco.

Conforme é possível perceber no infográfico 1, a genealogia da Família Arraes-Campos engloba entroncamentos com famílias tradicionais de Pernambuco e da região Nordeste, como Souza-Leão, Andrade Lima, Campos, Valença, entre outras. No caso da família materna de João Campos, os Andrade Lima, seu poder político e econômico retoma ao período do Brasil Colônia, e possuem relação de parentesco com outras famílias importantes, como os Suassunas. Esses arranjos familiares foram importantes não só para as campanhas de Arraes, como para a ascensão política de Eduardo Campos e de seu herdeiro, João Campos.

Com a eleição de Miguel Arraes para governador de Pernambuco em 1987, seu neto, Eduardo Campos, assumiu o cargo de chefe de gabinete do governador. Eduardo elegeu-se deputado estadual (1991-1995) e deputado federal por três mandatos consecutivos (1995-2007). Em 1995, pediu licença do Congresso Nacional para assumir o cargo de Secretário Estadual de Governo e da Fazenda do governo Arraes até 1998. Em 2004, durante o governo Lula, assumiu o Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil. Entre os anos de 2005 a 2008, Eduardo assumiu a presidência nacional do PSB. Também, foi governador de Pernambuco duas vezes (2007-2011, 2011-2014), até deixar o mandato para disputar a eleição presidencial de 2014, ano de sua morte em um trágico acidente de avião durante atividades de campanha.

O governo de Eduardo Campos possibilitou um período de grande desenvolvimento econômico em Pernambuco. Eduardo contava com o apoio do presidente Lula e conseguiu bastante investimento federal para a região. O Produto Interno Bruto (PIB) do Estado duplicou durante os anos da sua gestão, obras importantes como o estaleiro Atlântico Sul, o Porto de Suape, a Transnordestina, o Hospital Miguel Arraes, foram realizadas⁶. Criou o programa de segurança pública Pacto pela Vida, que resultou na diminuição da taxa de homicídios, o programa Mãe Coruja, o qual oferecia acompanhamento neonatal completo para as gestantes, e ampliou o Chapéu de Palha. Assim como Arraes, o seu governo teve grande aprovação popular.

Toda essa história política de Arraes e Eduardo, que envolve concentração de poder e a implementação de uma série de políticas públicas, gera um importante reconhecimento social e capital simbólico para a família Arraes-Campos. Esse reconhecimento é essencial para a ascensão política de novos herdeiros. Essa origem social é, portanto, de acordo com

⁶ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/candidato-anfibio/>.

Monteiro (2016, p.131), um fator fundamental para o sucesso político e que “nascer em famílias históricas da política, é herdar ‘nome’ e ‘sobrenome’, capital simbólico [...] reconhecido e legitimado no campo político”. Nesse contexto, João Campos se constroi, vai se transformando e performando no campo político.

Ao longo da trajetória política de Eduardo Campos, João Campos acompanhou diversas agendas do pai desde a infância, o que envolvia campanhas eleitorais e compromissos oficiais. João afirma que faz política “desde criança”⁷ e, assim como os seus irmãos, cresceu vendo o pai fazer política. Eduardo costumava deixar os filhos acompanharem reuniões com lideranças no terraço da sua casa e, segundo João Campos em entrevista dada à Revista Piauí, “ele (Eduardo Campos) sempre disse que a política era o caminho para mudarmos a sociedade”⁸.

Dessa maneira, o convívio permanente no meio político, como espaço de socialização, possibilitou a João Campos conhecer a rede de relações que sua família construiu ao longo da história, além de compreender os valores, a ideologia e as estratégias importantes do campo político pernambucano, que sua família domina. Aprendendo, portanto, não só sobre as regras do jogo, mas entendendo como jogá-lo na prática. Segundo Monteiro (2016, p.76), “não é por acaso que algumas famílias políticas dominam e jogam há tanto tempo. São histórias incorporadas, saberes acumulados, que permitem jogar o jogo de acordo com o sentido que o jogo impõe”.

A compreensão desse habitus, ou seja, desse “sistema de disposições socialmente constituídas” (Bourdieu, 2007), é fundamental para entender a trajetória política de João Campos. O habitus além de ser herdado pela família, é reforçado pela escola, instituição a qual analiso a seguir.

3.2 Educação Vem de Casa e das Melhores Escolas do Recife

De acordo com Monteiro (2016, p.75), não é apenas o sobrenome familiar que garantirá êxito ao herdeiro no campo político, apesar da sua importância simbólica. Também é fundamental que o herdeiro conheça as regras do jogo político e os saberes legítimos da classe dominante à qual pertence, algo que exige um esforço para compreender a lógica do jogo político e o tempo livre dedicado aos estudos. Baseado nisso, faremos uma breve descrição da

⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/10/politica/1539200181_132029.html?outputType=amp.

⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-herdeiro-3/>.

trajetória de formação escolar de João Campos através do grau de escolarização e as instituições de ensino pelas quais passou.

João Campos cursou a educação básica em instituições de ensino particulares tradicionais do Recife. Ele estudou do primário ao ginásio na Escola Arco-Íris e o ensino médio no Colégio Damas, quando no 2º ano foi aprovado no vestibular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com a possibilidade de acessar as melhores escolas privadas, proporcionada pelo acúmulo do patrimônio econômico da sua família, João Campos teve a oportunidade de desenvolver aptidões educacionais e técnicas que funcionam como distintivos sociais em relação a outros indivíduos desprovidos de tais recursos.

Na Escola Arco-Íris, João Campos passou a maior parte do tempo escolar e destaca-a como “um colégio que estimula a capacidade crítica e a capacidade de pensar, do diálogo, do bom debate”⁹. Esse estímulo, de acordo com o mesmo, se materializa nas experiências de feiras de conhecimentos, olimpíadas e aulas de campo, nas quais possibilitou-o conhecer outras realidades e cidades. A Escola Arco-Íris está localizada na Várzea, na Zona Oeste do Recife, e tem como seus princípios norteadores educacionais as teorias socioconstrutivistas e as ideias de Paulo Freire. Além de João, sua irmã e seus outros irmãos tiveram a primeira formação escolar nesta instituição.

No Colégio Damas, localizado no bairro das Graças, na Zona Norte do Recife, João Campos cursou o ensino médio e concluiu até o 2º ano, quando foi aprovado no vestibular da UFPE no curso de Engenharias CTG. Esse colégio é uma das instituições católicas de ensino mais tradicionais do Recife, possui educação bilíngue e é baseado em valores cristãos. Nesse espaço, João pôde construir e fortalecer redes de relações com outros herdeiros da elite pernambucana e acessar uma formação que lhe preparou para o vestibular. Inclusive, em vídeo divulgado pelo canal do Youtube do Colégio Damas, em 31 de janeiro de 2011, João atribui a sua aprovação na universidade à formação que teve no colégio ao longo do ensino médio e às suas bases, ou seja, a sua família¹⁰.

Na universidade, João Campos iniciou no curso superior de Engenharias CTG em 2011¹¹, ainda com 17 anos de idade, e formou-se em Engenharia Civil no ano de 2016. Durante todo esse período, sua mãe defendeu a ideia de que antes de entrar na carreira

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cye2u2nOJ91/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mMugJ_bd0Dg&t=106s.

¹¹ O vestibular de 2011 da Universidade Federal de Pernambuco contava com duas etapas: a primeira se dava através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a segunda por meio da prova aplicada pela própria UFPE. Nessa época, anterior à lei de cotas, de 2012, o acesso à Universidade era destinado majoritariamente aos estudantes de famílias mais abastadas, vindos de escolas particulares e dos cursos pré-vestibulares privados, que garantiam a esse vestibulando um melhor preparo para a prova.

política, o filho concluisse a sua formação superior. De acordo com o presidente do PSB, Carlos Siqueira, em entrevista concedida à Revista Piauí (2021), relata que Renata “[...] costuma dizer que política não é profissão. Que antes de tomarem esse caminho, os filhos precisam ter profissão caso deixem a vida pública”. No entanto, diferentemente desse discurso, João Campos iniciou sua trajetória profissional dentro da estrutura partidária do PSB antes mesmo de concluir o ensino superior, como discutiremos mais à frente.

A Escola e a Universidade permitiram a João Campos desenvolver aptidões educacionais e técnicas, além de construir redes de relações sociais, que atreladas a outros capitais acumulados historicamente pela família Arraes-Campos e disponíveis a ele, tornaram-o em um herdeiro político mais competitivo diante das disputas do campo político. Claro, que isso foi possibilitado pelo acúmulo de capital econômico da família Arraes-Campos. Além disso, essa unidade familiar enquanto uma primeira instância de socialização é fundamental para a incorporação de práticas que podem ter estimulado a concentração, as disposições para a leitura e acesso a livros, o acesso a atividades culturais, como ir ao teatro e ao cinema, viagens internacionais, entre outras práticas que contribuem para a formação cultural do indivíduo.

A partir do pensamento de Bourdieu (1999, p. 41), enxergamos no sistema escolar um dos meios de produção e reprodução das desigualdades sociais de uma sociedade de estruturas sociais tão assimétricas quanto a nossa. Por meio da educação encontra-se uma ferramenta eficaz para a conservação da hierarquia social estabelecida de poder e, consequentemente, para concentração do seu capital econômico e cultural em uma minoria abastada da população, que teve um acesso privilegiado a esses recursos.

Para o desenvolvimento da capacidade crítica e de diálogo de um estudante, como foi citado por João Campos, são necessários diversos estímulos culturais nos âmbitos familiar e educacional durante o processo formativo. Inclusive, para que um aluno acredite no seu potencial ou deseje ser prefeito de uma cidade como o Recife, ele precisa de uma série de estímulos que possibilitem esse desejo. Afinal, “os membros de cada classe tomam a realidade por seus desejos, mas as aspirações e exigências são definidas pelas condições objetivas que excluem a possibilidade de desejar o impossível” (Bourdieu, 1999, p. 47). Ou seja, o processo de formação do agente social João Campos iniciou-se desde a sua infância e possibilitou, através de diversos estímulos, o seu interesse em cursar o ensino superior, ingressar no campo político e disputar cargos eletivos. Contudo, esse processo depende também da sua disposição, que é fruto de socialização.

3.3 2014: o ano que não terminou

João Campos filiou-se ao PSB em 2013, obedecendo o prazo de filiação que lhe permitiria ser candidato nas eleições gerais do ano seguinte. Em 2014, o seu nome foi cogitado para comandar a Juventude Socialista Brasileira (JSB) de Pernambuco, função a qual lhe daria um assento na executiva estadual do partido, e para disputar o cargo de deputado federal. Seu pai, Eduardo Campos, chegou a cogitar lançar a sua candidatura a deputado naquele ano, uma vez que tinha o interesse de que os filhos trilhassem a carreira política, assim como ele.

Na eleição de 2014, diferentemente dos pleitos anteriores, a família Arraes-Campos não tinha nenhum candidato definido que fosse membro do seu clã para disputar uma vaga para a Câmara dos Deputados. Além disso, a recordista de votos da eleição anterior, Ana Arraes, não poderia concorrer novamente por ter sido eleita Ministra do Tribunal de Contas da União (TCU). Desta forma, do ponto de vista eleitoral, os 387 mil votos que foram dados a Ana Arraes poderiam ser “herdados” por quem representasse o legado da família e tivesse o apoio de Eduardo Campos.

A ideia de lançar João Campos candidato foi encorajada pelo partido e por lideranças políticas ligadas a Eduardo Campos, muitas das quais produzem e reproduzem a lógica de herança política em Pernambuco. Inclusive, essa é uma das características da forma como esse modelo estabelecido de poder político familiar é operado, através de estímulos ou mesmo de constrangimentos para que os integrantes mais novos ocupem “[...] os espaços que os membros mais velhos ou mais importantes deixam para trás” (Miguel, Marques e Machado, 2015, p.727). Tal confirmação se deu através de uma carta de João Campos a Sileno Guedes (presidente do PSB de Pernambuco), em junho de 2014, na qual ele confirmou que há alguns meses tinha sido “[...] incentivado pelo próprio partido e por algumas lideranças do interior e da Região Metropolitana para concorrer a uma vaga na Câmara dos Deputados”¹². No entanto, de acordo com João, ele teve “[...] a maturidade e a humildade de não aceitar por entender que este não seria o melhor momento para este projeto”.

Mas quais seriam os atributos de João Campos para disputar o cargo de deputado federal naquele momento? Ele não representava o setor empresarial, tampouco o movimento estudantil, nem os movimentos sociais, não tinha histórico de militância política e suas aparições públicas eram sempre atreladas às campanhas e às aparições do seu pai. Naquele momento, seu principal atributo era, portanto, o parentesco com Eduardo Campos, Ana

¹² Disponível em: <https://m.leiaja.com/politica/2014/06/05/apos-polemicas-joao-campos-desiste-da-secretaria-da-jsb/>.

Arraes e Miguel Arraes. Também é importante destacar o controle da família sobre a estrutura partidária do PSB, que não precisava submeter suas decisões às bases políticas, o que, de acordo com Rocha (2018), em entrevista à *Marco Zero Conteúdo*, favorece a perpetuação desses grupos políticos nos espaços de poder.

Contudo, essa ideia de lançar João Campos candidato a deputado federal não agradou à sua mãe, Renata Campos, que, como discutido anteriormente, não queria que o filho entrasse na carreira política antes de concluir sua formação universitária, por entender que “política não é profissão”. Esse posicionamento fica evidente no discurso de João em outro trecho da carta enviada a Sileno: “Neste momento, priorizo minha formação profissional até para assegurar minha independência. Penso que ninguém deve depender de mandato para viver ou qualquer outra função pública para ter papel político”. Porém, não foi apenas a sua mãe a quem a possibilidade de sua candidatura desagradou. Essa ideia gerou forte descontentamento em outra integrante da família Arraes-Campos: Marília Arraes, prima de primeiro grau de Eduardo.

Marília Arraes, então vereadora do Recife pelo PSB, também tinha a intenção de disputar a vaga a deputada federal e esperava receber o apoio do primo, Eduardo, para representar o legado da família naquele pleito, no qual buscava atrair para si os votos que foram da tia Ana Arraes na eleição de 2010. De acordo com a reportagem de João Valadares na *Folha de São Paulo* (2020)¹³, Eduardo Campos impediu as pretensões políticas da prima e repartiu estrategicamente os votos de Ana Arraes para benefício de candidatos mais próximos a ele, entre os quais estavam “[...] os deputados federais Tadeu Alencar (PSB), que é sogro da filha de Eduardo, e Felipe Carreras (PSB), que, na época, era casado com uma (de suas) sobrinha(s)”.

Para Marília, segundo matéria ‘O herdeiro’ da *Piauí* (2021)¹⁴, Eduardo não a apoiava porque desconfiava dela, porque ela era a única que o enfrentava. Contudo, naquele momento, Marília já representava uma ameaça para o projeto político de Eduardo Campos, que incluía a sucessão política de pai para filhos. Na disputa pelo legado da família e pela herança política, que envolvem formas de capitais simbólico, social e econômico, os recursos materiais e imateriais são limitados e, por isso, são disputados no campo político.

No início de junho, Marília divulgou uma nota pública em que criticava a “imposição” do nome de João Campos pela cúpula do partido para o comando da juventude do PSB. Após

¹³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/herdeiros-politicos-de-arraes-primos-travam-duelo-familiar-e-dividem-esquerda-no-recife.shtml>.

¹⁴ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-herdeiro-3/>.

a exposição dos eventos citados repercutirem na militância jovem do partido e na mídia a nível local e nacional, no mesmo período em que Eduardo Campos estava em pré-campanha para presidência do Brasil, João Campos abriu mão do cargo de secretário-geral da juventude do PSB de Pernambuco e desistiu de disputar a eleição para deputado federal. A desistência foi anunciada através da já referida carta de João a Sileno Guedes, de junho de 2014, na qual pedia “[...] a compreensão dos companheiros para não aceitar a tarefa neste momento[...]”. Entretanto, vale observar que a renúncia foi feita apenas para aquele determinado momento, possivelmente em decorrência dos eventos que foram descritos.

Além dos trechos já citados da carta, existe uma passagem do texto em que João Campos descreve sua relação com o legado político da família, na qual diz: “Ser filho e bisneto de quem sou me orgulha muito (*sic*) mas não é o suficiente, neste momento, para me fazer candidato. Pelo contrário, prefiro me preparar melhor para assumir o grande desafio que é o de defender o legado de Miguel Arraes e Eduardo Campos”. Ou seja, em 2014, João Campos já estava sendo preparado para entrar na carreira política e tinha a compreensão de ser herdeiro político do legado do seu pai, Eduardo Campos, e de seu bisavô, Miguel Arraes, tendo o desafio de defender esse legado. Além disso, o que João chama de “se preparar melhor” significa concluir a sua formação profissional, adquirindo mais títulos de distinção por meio de um diploma de uma universidade federal e o título de engenheiro, que o torna muito mais competitivo em meio às disputas do campo político.

Logo, para pensar a trajetória política de João Campos, diferentemente de uma análise biográfica, buscou-se analisar o deslocamento desse indivíduo pelo campo político ao qual ele pertence, que é um campo dinâmico e um espaço de disputas. Entre esse dinamismo, os processos históricos não ocorrem de maneira linear e são repletos de eventos aleatórios que interferem diretamente no funcionamento do campo. Um dos principais imprevistos que marcou esse campo foi a morte de Eduardo Campos, no ano de 2014, no auge de sua popularidade em Pernambuco ao mesmo tempo em que buscava estabelecer-se como uma liderança nacional. Esse evento tanto desestabilizou o grupo político ao qual pertencia, como foi utilizado como recurso nas seguintes campanhas de João Campos em 2018 e 2020.

3.4 Da morte de Eduardo Campos à ascensão política de João Campos

Com a trágica morte de Eduardo Campos em um acidente de avião na cidade de Santos, em São Paulo, durante sua campanha presidencial, no dia 13 agosto de 2014, era inevitável perguntar-se quem iria herdar ou apropriar-se do seu legado político. Afinal, não

existe “vácuo” na política. Esse evento inesperado alterou a dinâmica do campo político e acelerou a sucessão política geracional da Família Arraes-Campos. Desta forma, o sentido da sucessão foi dado pelo movimento do campo e a morte de Eduardo foi decisiva para tanto.

Como de costume, a família buscou meios para preservar o poder político. Uma das provas são os movimentos políticos que foram feitos na mídia, voltando-se a atenção para os filhos e parentes mais próximos de Eduardo, como sua mãe, Ana Arraes, e sua mulher, Renata Campos. Entre essas movimentações, surge a figura do seu filho primogênito João Campos, o qual, na eleição daquele mesmo ano, foi convocado pelo PSB, para defender a candidatura de Paulo Câmara (candidato do PSB e escolhido por Eduardo) na disputa pelo governo do estado de Pernambuco. Também, nesse mesmo período, João Campos iniciou sua trajetória profissional em um cargo de destaque na estrutura do PSB como Secretário de Organização Estadual do Partido, o que lhe permitiu percorrer Pernambuco para participar e coordenar encontros com lideranças do partido, fortalecendo as redes de relações da família.

Paulo Câmara foi escolhido por Eduardo Campos para lhe suceder na disputa eleitoral pelo Governo do Estado de Pernambuco nas eleições de 2014. Ele era secretário da Fazenda e pessoa de confiança de Eduardo, o mesmo tinha um perfil mais técnico para a política. Mas outro motivo pode ter favorecido essa escolha, um certo grau de parentesco que unia Paulo Câmara a Eduardo por meio de Ana Luiza Câmara, juíza do Tribunal de Justiça de Pernambuco e esposa de Paulo Câmara, que era prima de 2º grau de Eduardo Campos. Para entender melhor essa relação de parentesco, Ana Luiza é filha de Vanja Campos e neta de Renato Campos, irmão de Maximiano Campos e tio paterno de Eduardo. Portanto, com a eleição de Paulo Câmara a governador, por mais que tenha ocorrido uma mudança de atores, o controle do Estado permanecia sob a tutela do mesmo grupo familiar.

Em 2016, João Campos foi nomeado como Chefe de Gabinete do Governador, mesma função para a qual seu pai, Eduardo, foi nomeado na gestão de Miguel Arraes em 1987. Esse cargo é bastante estratégico e permitiu-lhe participar de eventos oficiais, administrar a agenda de atividades do Governo e estar em contato direto com as principais lideranças políticas de Pernambuco (tanto do PSB, como de outros partidos), sejam prefeitos, secretários, vereadores ou deputados. Isso facilitou o contato e o poder de barganha com as lideranças do Estado, fortalecendo ainda mais as redes de relações construídas por sua família ao longo da história. Isso aumentou a relevância de João no cenário estadual.

No ano de 2018, João Campos foi eleito no 14º Congresso Nacional do Partido Socialista Brasileiro, em Brasília, para integrar a executiva nacional do partido como Vice-Presidente de Relações Federativas. Também, no mesmo ano, João candidatou-se ao

cargo de deputado federal com o slogan “o filho da esperança”. Essa campanha foi baseada em uma vasta produção de propaganda eleitoral em alusão às figuras de Miguel Arraes e a Eduardo Campos, nas quais buscaram associá-lo ao legado político da família, como será analisado no próximo capítulo.

A campanha de João Campos ao cargo de deputado federal de Pernambuco foi a que mais recebeu recursos financeiros em doação do Fundo Eleitoral¹⁵ entre as demais do PSB, mesmo sendo essa sua estreia na disputa eleitoral. Algo incomum entre os iniciantes, mas que tem explicação a partir da relação histórica de poder da sua família na estrutura do partido, influenciando na prioridade para a divisão de recursos do fundo partidário. Afinal, a existência de parentes próximos ocupando historicamente posições de liderança política, como no caso de João Campos, incide sobre o acesso aos recursos necessários (tanto material, quanto simbólico) por parte do candidato iniciante conforme situa Miguel, Marques e Machado (2015, p.721).

Durante o período de pré-campanha, João Campos lançou uma série de vídeos intitulada de “Rota da Esperança” através das suas redes sociais¹⁶, em que percorria todo Estado de Pernambuco e buscava associar sua imagem ao legado político de Eduardo Campos e de Miguel Arraes. Também, por meio dos encontros proporcionados em todo o Estado, João procurou reativar as redes de relações da família e desenvolver a característica de fazer política no corpo-a-corpo, em contato com o povo nos locais públicos, como costumavam fazer os seus antecessores (Eduardo e Arraes).

Nessas eleições federais de 2018, João Campos emplacou a maior votação da história de Pernambuco para o cargo de deputado federal, com 460.387 votos, ultrapassando o recorde histórico da sua avó Ana Arraes (com 387 mil votos em 2010) e do seu bisavô Miguel Arraes (com 340 mil votos em 1990). Devemos observar que o seu principal mote de campanha era ser o “filho da esperança”, o menino de Eduardo.

Na eleição municipal do Recife, em 2020, a disputa pela prefeitura foi marcada por uma rivalidade familiar entre os primos João Campos (PSB) e Marília Arraes (PT). Nesse atrito, cada um dos primos buscou pelo poder frente à dinastia Arraes-Campos, utilizando de diferentes atributos em suas propagandas para construir-se enquanto herdeiro de um legado e

¹⁵ João Campos recebeu, em 2018, o valor de R\$1.537.864,46 em doações do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Outros candidatos ao cargo de deputado federal que já possuíam mandato e que buscavam a reeleição, como Felipe Carreiras e Danilo Cabral receberam um valor inferior de aproximadamente R\$1.320.000,00. Esses dados podem ser conferidos no Portal de Divulgação de Contas do TSE. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/estados/2018/2022802018/PE/candidatos>.

¹⁶ Disponível em: https://web.facebook.com/joaocampospsb/videos/rota-da-esperan%C3%A7a-at%C3%A9-logo-pernambuco/865204410269967/?_rdc=1&_rdr.

do capital simbólico da família. As propagandas veiculadas pela Frente Popular do Recife procuravam reforçar a relação de parentesco existente entre João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes, como analisaremos detalhadamente no próximo capítulo. Outra característica dessa construção discursiva de herdeiro, está no uso do slogan “A esperança se renova”, adotado na campanha por João. Esse mesmo slogan já havia sido utilizado na campanha para governador de Eduardo Campos em 2006 e assemelha-se com “A esperança está de volta”, usado por Miguel Arraes na eleição de 1986.

Portanto, conforme aponta Monteiro (2016, p. 75), não é apenas o ‘sobrenome’ que garantirá ao herdeiro sua permanência no pólo dominante no campo político. Pertencer a uma família influente não é a única condição para que o indivíduo tenha êxito nesse espaço de disputas, embora tenha uma grande importância. Também, é necessário o empenho por parte do herdeiro para compreender o sentido das disputas colocadas e entender como participar da lógica do jogo¹⁷. Esse interesse e o conhecimento adquirido, somados ao acesso a um conjunto de capitais construídos historicamente por seu grupo familiar, torna o herdeiro competitivo. Assim, com base em Bourdieu (1996a), podemos compreender que é necessário além da herança para um herdeiro, um herdeiro para a herança.

4. ALGUMAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO HERDEIRO POLÍTICO JOÃO CAMPOS.

Nesta parte do texto, buscamos dar sentido à ação política e às estratégias midiáticas eleitorais adotadas nas campanhas de João Campos à deputado federal, em 2018, e a prefeito do Recife, em 2020. Para isso, utilizamos como instrumento metodológico a análise crítica do discurso de diferentes recursos semióticos, que foi nomeada por Tavares (2022) como Análise das Estratégias Discursivas Multissemióticas. Como também, retomamos as relações históricas e sociais da trajetória de João Campos e da Família Arraes-Campos debatidas no capítulo anterior para uma compreensão do fenômeno da transmissão da herança política em Pernambuco.

Na primeira parte, analisamos o vídeo de propaganda eleitoral de João Campos, *Meu Sangue é de Luta* (2018)¹⁸, pensando a substância “sangue” como condutora da transmissão

¹⁷ “Nesse jogo que é o campo do poder, a aposta é evidentemente o domínio, que é preciso conquistar ou conservar, e aqueles que nele entram podem diferir sob dois aspectos: em primeiro lugar, do ponto de vista da herança, ou seja, dos trunfos; em segundo lugar, do ponto de vista da disposição do herdeiro (fruto de socialização) a seu respeito, ou seja, da ‘vontade de vencer’” (BOURDIEU, 1996a, pp. 24-25).

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gCVxgbViqg>

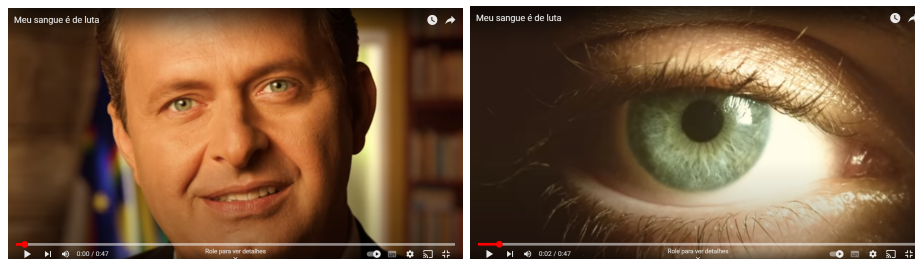
de poder político entre João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes. Na segunda parte, analisamos um conjunto de materiais gráficos das campanhas de 2018 e de 2020 de João Campos, refletindo como essas peças publicitárias podem ter contribuído na construção da figura de João Campos enquanto herdeiro político legítimo do legado da sua família.

4.1 O Sangue Importa?

A propaganda “Meu Sangue é de Luta” é um vídeo de campanha de João Campos de agosto de 2018, produzido para divulgação nas plataformas digitais do candidato (principalmente Youtube, Instagram e Facebook) e no horário gratuito de propaganda eleitoral do PSB na televisão, além das inserções de propaganda do partido ao longo dos comerciais de TV. Esse vídeo está disponível no canal de João Campos (@JoaoCampos) na plataforma digital Youtube, onde conta com mais de 111 mil visualizações. Tal produção tem 47 segundos de duração e conta com uma linguagem característica das redes sociais, com cortes rápidos de imagens, efeitos sonoros e diversos estímulos para evitar a distração do espectador.

Além de dispor de efeitos sonoros relacionados com as transições de imagens e seus significados, o vídeo possui um fundo musical composto por um solo melódico de uma rabeca com os jingles “Arraes Taí”, de Miguel Arraes de 1998, e de Eduardo Campos de 2010. Essa construção intersemiótica entre som e imagem não é arbitrária. Além de ancorar o vídeo em uma identidade musical regional produzida pelo som da rabeca, muito tradicional na cultura pernambucana, ela compartilha de sentimentos de pertencimento e de coletividade ao introduzir canções tradicionais da cultura política pernambucana, que já foram ouvidas e cantadas por diversos eleitores em outros momentos históricos. Essa intertextualidade provoca uma rápida identificação do espectador com algo que é novo para ele e, ao mesmo tempo, familiar. Também, a transição da música entre os dois jingles está associada à aparição da figura dos seus respectivos agentes, Miguel Arraes e Eduardo Campos.

O vídeo tem início com a imagem de Eduardo Campos (figura 1) em um plano de filmagem close-up, onde ressalta-se sua expressão facial e seus olhos esverdeados, encarando o espectador com o seu olhar. Nesse caso, Eduardo representa a ação de convidar o espectador a fazer parte dos eventos narrados no vídeo. Em seguida, temos a figura 2 de um olho de pigmentação esverdeada, aparentemente do ex-governador Eduardo Campos que, através de um processo relacional, utiliza-se de características físicas para estabelecer uma relação entre Eduardo e João Campos. Ou seja, o olho verde une o filho ao pai.



Figuras 1 e 2 - Vídeo “Meu Sangue é de Luta”, da propaganda de João Campos de 2018. Tempo: 00’00” - 00’02”.

Na sequência, no terceiro segundo do vídeo, um super zoom nesse olho faz surgir uma corrente sanguínea, que leva o espectador até Miguel Arraes. A imagem de uma corrente sanguínea retrata, através de um processo relacional, a ligação genética entre João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes, reforçando a mensagem de que se trata do mesmo sangue e que esse sangue é a substância condutora da herança. Deste modo, vale ressaltar que em muitas culturas, como no caso da nossa, o sangue está associado a noções de descendência, inclusive política.

A coisa de sangue enquanto substância de parentesco toma uma grande relevância diante da abordagem no vídeo. De acordo com Carsten (2014, p.110), o sangue é uma “substância repleta de significância dentro do parentesco” e, em alguns casos, pode estar associado à política eleitoral. O referido autor explica que “o transbordamento dos diferentes significados do sangue e a sua propensão a exceder os limites de qualquer domínio onde aparece iluminam claramente as conexões entre campos tão desiguais como moralidade, parentesco, corpo e legitimidade política”. A partir disso, consideramos que a estratégia observada no material audiovisual está baseada na busca por legitimidade no processo de sucessão política através do direito de sangue, apresentando João Campos como herdeiro legítimo de seus antepassados, porque eles possuem “o mesmo sangue”. Desta maneira, o uso da substância ‘sangue’ contribui para a construção de uma narrativa que tem como foco a transmissão de capital simbólico entre candidatos de uma mesma família.



Figura 3 - Vídeo “Meu Sangue é de Luta”, da propaganda de João Campos de 2018. Tempo: 00’03”.

Do quarto ao oitavo segundo é reproduzida uma série de filmagens da vida pública de Miguel Arraes, discursando e sendo abraçado pelo povo pernambucano. Em seguida, aparece a transição da corrente sanguínea até surgir uma imagem de Eduardo Campos ainda criança acompanhada por uma sequência de imagens da sua trajetória de vida, a maior parte da fase política e acompanhado por Arraes, até tornar-se governador de Pernambuco. Na sequência, retorna a transição sanguínea, que transporta o espectador até um apanhado de filmagens em referência direta a diversas políticas públicas implementadas no governo de Eduardo em Pernambuco, como o Programa Mãe Coruja, o Hospital Miguel Arraes, o Estaleiro Atlântico Sul, a Escola Técnica Estadual e o Porto de Suape. Fica, assim, nítida a tentativa de reativar, na memória de quem assiste o vídeo, o trabalho que já foi realizado por um ente desta linha sucessória familiar quando esteve no poder e depositar o reconhecimento social deste trabalho no outro ente, que se torna recipiente dessa história.

Imediatamente é feito um corte para as imagens da campanha presidencial de Eduardo, com a apresentação do trecho da sabatina ao Jornal Nacional dada um dia antes da sua morte, em que dizia “não vamos desistir do Brasil”. Eduardo estava em ascensão política a nível nacional e essa passagem da propaganda retrata o movimento da sua trajetória política de Pernambuco para o Brasil. Logo após, a imagem do olho esverdeado que representa Eduardo Campos se fecha, passando a mensagem de sua morte e do fim de uma era de transformações políticas. A tela fica preta em sinal de luto. Esse evento, como já foi discutido, muda a dinâmica do campo político e acelera a sucessão política geracional da família, como também é retratado na sequência.

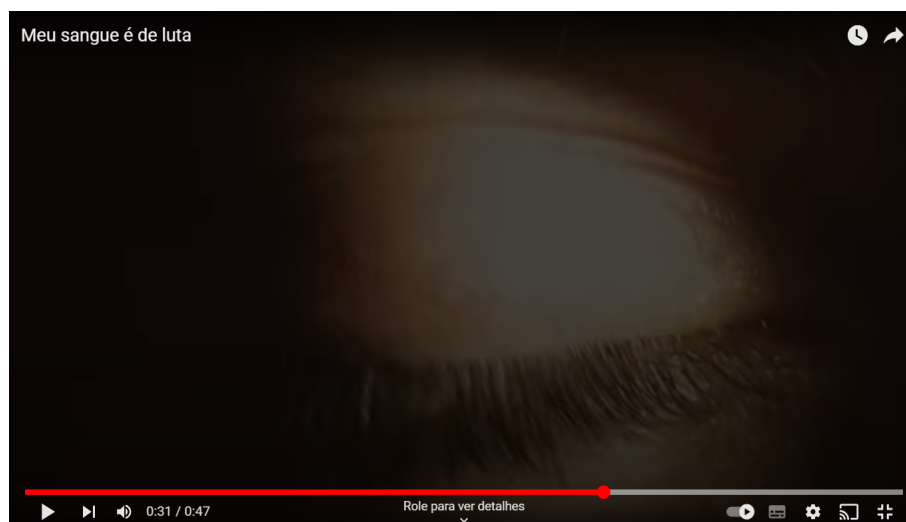


Figura 4 - Vídeo “Meu Sangue é de Luta”, da propaganda de João Campos de 2018. Tempo: 00’30”.

O vídeo é retomado com imagens em planos abertos do enterro de Eduardo, onde uma multidão tomava as ruas do Recife e entoava a frase “Eduardo guerreiro do povo brasileiro”. Novamente, aos 36 segundos, surge a representação de um olho fechado. Agora, esse olho esverdeado está se abrindo e é possível identificar que se trata da imagem do próprio João Campos. Desta maneira, se o olho ao se fechar representava o término de uma era, consequentemente, ao abrir simboliza a renovação de toda essa história que foi brevemente contada e está ligada pela substância sangue. Renovando-se, portanto, na figura desse herdeiro legítimo, João Campos.



Figuras 5 e 6 - Vídeo “Meu Sangue é de Luta”, da propaganda de João Campos de 2018. Tempo: 00’36” - 00’37”.

Após esse despertar através da representação de João Campos, surge a imagem de uma longa estrada com um horizonte iluminado ao fundo. Essa é uma espécie de metáfora para passar a mensagem de que esse ator ainda tem um vasto caminho a percorrer para defender o legado que foi construído por seu pai, Eduardo, e seu bisavô, Miguel Arraes, e seu futuro é bastante promissor, pois é iluminado. Em seguida, aparecem rápidos cortes de imagens de

estudantes, trabalhadores e famílias felizes fazendo uso de programas e instrumentos públicos que foram criados nas gestões de Miguel Arraes e de Eduardo Campos. Ou seja, esse legado é fundamental para a garantia da esperança do povo pernambucano e precisa ser renovado em alguém.



Figura 7 - Vídeo “Meu Sangue é de Luta”, da propaganda de João Campos de 2018. Tempo: 00’37” - 00’38”.

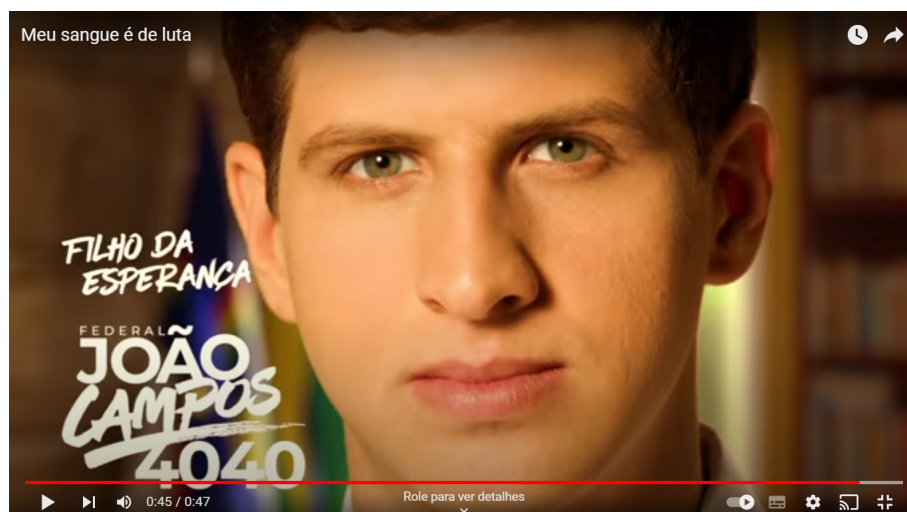


Figura 8 - Vídeo “Meu Sangue é de Luta”, da propaganda de João Campos de 2018. Tempo: 00’45” - 00’47”.

Mas quem poderá renovar a esperança desse povo pernambucano diante da ausência de Arraes e de Eduardo? A representação do “filho da esperança”, do herdeiro legítimo, que requer o seu direito de sangue na linha de sucessão, utilizando como estratégia a substância sangue a partir de uma abordagem genética e biologizante.

Por fim, na última cena da propaganda, a imagem de João Campos aparece no mesmo cenário inicial de Eduardo, em posições semelhantes, o que significa a troca de atores em uma

mesma circunstância, que é de poder. Ao lado do signo pictórico, tem o signo verbal “filho da esperança” e “federal João Campos 4040”, comunicando ao espectador que aquela figura, que substituiu Eduardo, é o filho da esperança, o herdeiro legítimo do legado apresentado, e seu nome é João Campos de número 4040 para deputado federal.

4.2 O Herdeiro da Esperança

Nessa parte do texto, apresentamos alguns exemplos de análise de materiais gráficos das campanhas eleitorais de João Campos de 2018 e de 2020. Nesta análise observa-se os significados experienciais da metafunção ideacional do trânsito de significado entre os recursos semióticos verbais e pictóricos.



Figura 9 - Publicidade de Campanha Eleitoral de João Campos (2018).

Na propaganda eleitoral de 2018 (figura 9), observa-se o trânsito de significado entre signos do verbal e do imagético através do enunciado “Filho da Esperança” e a imagem de João Campos. Ora, ele é filho da esperança porque busca-se construir a ideia da herança política. Ele é o filho de Eduardo Campos, que em um determinado momento representou a esperança, e já vinha herdando essa ideia da esperança de Miguel Arraes. O fenômeno intersemiótico que encontramos aqui é o da Sinonímia, porque existe uma similitude mais localizada. Neste contexto, está a se dizer que o filho da esperança é esta imagem de João Campos e esta imagem é o filho da esperança.

Já, quando analisamos o texto “Federal João Campos 4040”, esse nome e esse número são registrados na justiça eleitoral. Ou seja, existe uma convenção social para afirmar que esta imagem é João Campos 4040 e João Campos é representado por sua imagem. Então, há

trânsito de significados entre signos de diferentes sistemas semióticos e esses signos são definidos por convenção social, por isso nós temos o fenômeno da repetição.



Figuras 10 e 11 - Print de imagem publicada no perfil do Instagram @joaocampos com a publicidade de campanha de Eduardo Campos de 2006; e Publicidade de campanha de João Campos de 2020.

Na propaganda eleitoral de 2020, quando João Campos concorria ao cargo de prefeito do Recife, foi identificado o fenômeno linguístico da Cadeia Intersemiótica, que de acordo com Newfield (2017) é quando diferentes signos representam o mesmo significado ou algo muito parecido em termos semânticos. Algo observado na relação entre as duas propagandas de Eduardo Campos de 2006 (figura 10) e de João Campos de 2020 (figura 11), ambas com o signo verbal “a esperança se renova”. Além desses enunciados, também encontramos o slogan “A esperança está de volta” na propaganda de Miguel Arraes de 1986 (figura 12), que se assemelha aos demais, pois se a esperança está de volta, ela também está se renovando. Assim, a hipótese sustentada é de que há indício da existência de uma estratégia de retomada de um discurso que já está no imaginário das pessoas para, conseqüentemente, estabelecer João Campos como sendo um ponto numa sequência temporal da linhagem da família.



Figura 12 - Imagem de Panfleto da Campanha de Miguel Arraes de 1986.

No segundo fenômeno encontrado, fazendo uma análise específica do texto e não mais contrastiva, observamos que existe uma construção intersemiótica entre o trânsito de significado da imagem e do texto verbal por meio do mecanismo de metáfora semiótica ontológica divergente. Esse fenômeno é a metáfora semiótica (a qual é caracterizada quando há trânsito de significado entre signos que estão em categorias gramaticais distintas) pelo fato de o enunciado verbal estar representando um processo e o signo imagético estar representado na função de portador desse processo atributivo de qualidade. Essa esperança se renova em quem? Nesta figura de João Campos, neste ente. Por isso que essa metáfora semiótica é ontológica, porque a imagem de João Campos aparece enquanto recipiente portador da esperança. E ela é divergente porque essa esperança não fica restrita ao contexto político eleitoral, mas tenta-se abranger essa esperança para os mais variados contextos de vida das pessoas, estratégia representada pelo uso do signo pictórico da eleitora sorridente ao lado do candidato.

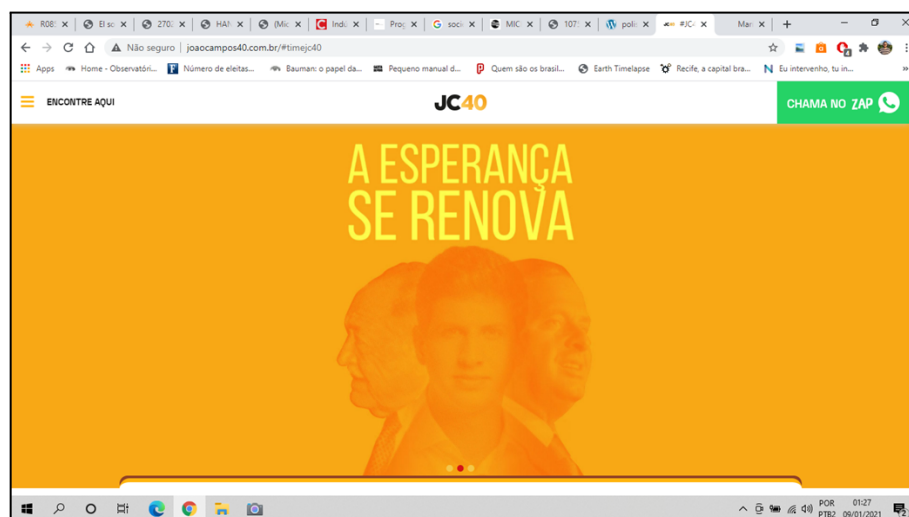


Figura 13 - print do site oficial da campanha de João Campos de 2020.

Em outro material gráfico (figura 13), retirado do site oficial de campanha de João Campos (atualmente desativado), observamos o signo verbal com o slogan da sua campanha “a esperança se renova” e uma representação pictórica inusitada dos políticos João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes. Essa representação guarda semelhanças com a capa do disco 360 Degrees de Billy Paul de 1972 (figura 14). O exemplo do que estamos a tratar pode indicar o fenômeno da intertextualidade com esse outro discurso presente no contexto da cultura pop internacional.



Figura 14 - capa do disco 360 Degrees de Billy Paul de 1972.

Os mecanismos linguísticos a operar no trânsito de significados entre o signo verbal “esperança” e os signos pictóricos de Arraes, Eduardo e João Campos, são a meronímia e a metáfora semiótica paralela. Isso acontece porque, no verbal, o signo desempenha o papel de ator, ao representar os políticos enquanto a experiência da “esperança”. Já no pictórico, por sua vez, essa experiência da esperança é representada em suas três fases: de Arraes, de Eduardo e de João Campos. Temos aqui a meronímia em ação, pois esse fenômeno é definido em termos intersemióticos por Tavares (2022, p.142) como “[...] um trânsito de significados entre signos de diferentes modos em que um signo representa um todo e os outros representam as suas partes”. Ou seja, se no verbal “esperança” representa um todo, no pictórico, Arraes, Eduardo e João Campos representam parte desse todo, dessa esperança.

Simultaneamente, toda a composição pictórica também apresenta um episódio que é o da renovação da referida esperança. Desta feita, temos o verbal “esperança” com uma função morfossintática (ator) no sistema verbal e o signo pictórico com outra função (episódio ou oração). Isso leva à conclusão de que o mecanismo da metáfora semiótica opera no trânsito de significados entre os signos em questão. Na sequência, o signo verbal “se renova” participa de um trânsito de significados entre ele e a representação pictórica do candidato João Campos. O mecanismo a operar neste amálgama intersemiótico é a sinonímia, uma vez que os signos em questão não são estabelecidos por convenção social. Isso faz com que estejam presentes três mecanismos intersemióticos: a meronímia, a sinonímia e a metáfora intersemiótica.

A presença desses mecanismos no enunciado em análise leva à construção dos seguintes significados: 1) a esperança é representada por diferentes participantes representados imgeticamente (João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes); 2) esses mesmos participantes representados imgeticamente podem ser em adição os promotores e os

construtores da esperança; 3) um dos três participantes representados (João Campos) é também uma possibilidade de renovação da esperança que ele também representa e constrói em coautoria com os outros dois.

Na figura, João Campos é um ator que representa uma renovação na política. A ação dele é renovar a esperança do povo pernambucano. Ele é a renovação e, consequentemente, ação de renovar o legado representado por Arraes e Eduardo, os quais são representados por signos pictóricos. Há um trânsito de significados entre o verbal e o pictórico. Como também, há um câmbio funcional entre o verbal e o pictórico. No verbal ele é ator do processo de auto renovação enquanto esperança. No pictórico o signo representa um portador de um atributo. Esse atributo é a herança genética e consequentemente política dos dois participantes que representam o lugar na história de João Campos.

Assim, percebemos que João Campos também é representado como o portador de um atributo, qual seja o de herdeiro de um legado representado por seus antepassados junto ao povo. O mecanismo intersemiótico que opera nesse trânsito é a metáfora semiótica paralela. Essa metáfora ocorre porque os signos envolvidos no transitar de significados estão em funções distintas. No verbal é ator de um processo material e no pictórico é portador de um atributo, que é a herança genética e o capital simbólico de Arraes e Eduardo, expresso por meio de um processo relacional. Percebemos, assim, que a metáfora semiótica paralela opera na construção de dois significados para um mesmo participante representado.

Desta maneira, a frequência dos mecanismos intersemióticos encontrados nos enunciados analisados nas propagandas de campanhas eleitorais de João Campos, de 2018 e 2020, dão indícios da natureza ideológica desses materiais. De modo geral, tais mecanismos podem ser compreendidos como ferramentas estratégicas para operacionalizar a manutenção do poder político da família Arraes-Campos, concentrada ao longo da história e preservada no presente. Essa manutenção do poder envolve, principalmente, o convencimento do eleitorado sobre a legitimidade do herdeiro mediante o pleito eleitoral, com base no legado político familiar. Então, João Campos e sua equipe buscam construir a ideia de que ele é o herdeiro legítimo, agente renovador da esperança, “filho da esperança” e que possui o direito ao sangue nesta sucessão. É o herdeiro que age socialmente diante da sua herança, para preservá-la.

Tal herança vem do passado, mas é produzida e reproduzida no presente por meio da figura do herdeiro, que atua para a manutenção do poder político e simbólico historicamente acumulados e reproduzidos pela oligarquia a qual pertence. Logo, precisamos compreender que “não existe uma continuidade mecânica entre o passado e o presente [...]” (Schwarcz,

2019, p.63), mas a ininterrupção de um modelo de governabilidade que concentra o controle do Estado sob a autoridade de alguns poucos grupos familiares e seus herdeiros, os quais remodelam seus discursos de acordo com o contexto sociopolítico vigente e com a dinâmica do campo político ao qual pertence e atua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o fenômeno da construção discursiva da figura de João Campos enquanto herdeiro político legítimo de Eduardo Campos e de Miguel Arraes, através das propagandas eleitorais pernambucanas de 2018 e de 2020. Para isso, foram mobilizados os métodos da análise de trajetória e a análise das estratégias discursivas multissemióticas, uma vez que as relações históricas de poder desenvolvidas no campo político produzem signos a partir de diferentes recursos semióticos. Esses recursos, por sua vez, se manifestam em enunciados, como no caso do material de propaganda eleitoral.

A partir da análise de trajetória, pudemos perceber que o convívio permanente de João Campos no meio político junto ao seu pai, Eduardo Campos, como espaço de socialização, possibilitou-lhe conhecer a rede de relações que sua família construiu ao longo da história, além de compreender os valores, a ideologia e as estratégias importantes do campo político pernambucano. Aprendendo, portanto, não só sobre as regras do jogo, mas entendendo como jogá-lo na prática. Nesse processo, a instituição escola também teve um papel fundamental ao possibilitar o desenvolvimento de aptidões educacionais e técnicas, além de favorecer a construção de redes de relações sociais com outros herdeiros da elite pernambucana, que, atreladas aos demais capitais acumulados historicamente pela família Arraes-Campos, tornaram-o em um herdeiro político mais competitivo.

Através de uma abordagem multissemiótica das propagandas eleitorais de João Campos (2018; 2020), pudemos observar como, discursivamente, a figura do herdeiro político é construída no cenário pernambucano no caso estudado. Por meio da referida abordagem, identificamos diferentes estratégias de mecanismos intersemióticos e o emprego de recursos sígnicos originários de diferentes sistemas semióticos com maior ênfase nos recursos dos sistemas verbal/linguístico, pictórico, sonoro, cromático e espacial. Ao delimitar as análises nos trânsitos de significados estabelecidos entre recursos do sistema semiótico pictórico e verbal/linguísticos observamos que há o emprego da cadeia semiótica para dar uma ideia de

linha do tempo e estabelecer o candidato João Campos como o sucessor dos dois outros principais nomes influentes de sua família - Eduardo Campos e Miguel Arraes.

Identificamos, também, que a utilização de signos pictóricos de características físicas semelhantes entre entes de uma mesma família, como o uso da cor esverdeada dos olhos de Eduardo e João Campos, pode contribuir para estabelecer uma relação de ligação entre esses indivíduos. Além disso, verificamos que o uso da substância “sangue” no corpus analisado participa da construção de uma estratégia discursiva que tem por objetivo relacionar a transmissão de capital simbólico entre candidatos de uma mesma família, por meio da ligação genética entre João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes, reforçando a mensagem de que se trata do mesmo sangue e que esse sangue é a substância condutora da herança.

Além disso, existe significativa presença do mecanismo de repetição com a finalidade de estabelecer a noção de que João Campos é o candidato cujo número (reconhecido publicamente pelo registro de sua candidatura) é 4040, quando concorreu a deputado federal. Por outro lado, o mecanismo intersemiótico da sinonímia (não estabelecido por convenção social) faz-se presente para reforçar a ideia de herança do capital simbólico familiar, sob a ideia de que o “Filho” daquele, ou daqueles, que outrora simbolizaram a esperança é o indivíduo da imagem. Já o mecanismo da meronímia aponta a esperança como um todo a ser representada por três partes: João Campos, Eduardo Campos e Miguel Arraes.

Também, encontramos o mecanismo da metáfora semiótica ontológica divergente, que opera trânsitos de significados entre o signo verbal esperança ou “esperança se renova” para mostrar João Campos como depositário dessa esperança. E a metáfora é divergente porque busca-se abranger a “esperança” para os mais diferentes contextos sociais da vida do eleitor e não somente o eleitoral. Em outro caso, encontrou-se a metáfora semiótica paralela, que opera na construção de dois significados para o mesmo participante, no verbal João Campos é ator de um processo da renovação da esperança e no pictórico é portador de um atributo, que é a herança genética e o capital simbólico de Arraes e Eduardo

Em ambos os casos, o emprego do mecanismo da metáfora semiótica exerce a função de ligar um elemento novo na disputa eleitoral: a figura do candidato João Campos à realidade do eleitorado pernambucano, ou seja, a algo que essa população já conheça e consiga se reconhecer através dessas propagandas. Daí o apelo tão forte em trazer a todo momento as imagens e o legado político de Eduardo e Arraes, para associá-los à figura João Campos, pouco conhecido como ator político até então. Afinal, João não representava movimentos sociais, tampouco o movimento estudantil, nem o setor empresarial, não tinha histórico de

militância política e suas aparições públicas eram sempre atreladas às campanhas e às aparições do seu pai.

Portanto, a teia discursiva que favorece a manutenção da concentração de poder político em torno do clã Arraes-Campos se manifesta através dos materiais de propaganda eleitoral de João Campos, que busca se afirmar enquanto herdeiro político legítimo desse legado. Isso torna evidente que a dinâmica do campo político, ao qual João Campos pertence e atua, é atravessada pelo campo familiar.

Essa teia discursiva está repleta de estratégias para manipular as percepções de mundo dos eleitores e favorecer o processo de produção e reprodução das desigualdades de poder, favorecendo grupos políticos como a Família Arraes-Campos e suas redes familiares. Uma dessas estratégias, como vimos, está na tentativa de converter a sucessão política em um discurso de ordem natural, por transmissão biológica, como coisa de sangue, pois se está no sangue, tem legitimidade.

Cabe, assim, ao trabalho sociológico desmistificar e desnaturalizar as coisas sociais que foram convertidas historicamente em propriedade de ordem natural, operacionalizadas muitas vezes através dos enunciados das propagandas eleitorais. Afinal, um grupo familiar e todo o poder que possa estar atrelado a ele existe enquanto construto social, bem como o fenômeno da herança política, o qual jamais deve ser confundido com aspectos genéticos. Pois, enquanto no imaginário do eleitorado o direito ao sangue pode ser essencial para definir a sucessão entre um determinado político e o sucessor do seu legado, para o herdeiro se faz necessário tornar-se apto e legítimo para reivindicar a sua herança.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 39-64. (Publicado originalmente em francês, 1966).
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
- BOURDIEU, P. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, p. 193–216, jan. 2011.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, P. "O espírito de família". In: **Razões práticas. Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996b.
- CARSTEN, Janet. **A matéria do parentesco**. Volume 6, Número 2 | 2014 | Dossiê: Parentesco.
- EL PAÍS. **Filho de Eduardo Campos perpetua o poder da família em Pernambuco**. Recife, 12 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/10/politica/1539200181_132029.html?outputType=amp. Acesso em: 03 jan. 2024.
- EL PAÍS. **Uma campanha à sombra de Eduardo Campos quatro anos após tragédia**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/13/politica/1534112534_792160.html. Acesso em: 03 jan. 2024.
- FOLHA DE PERNAMBUCO. **João Campos passa a integrar executiva nacional do PSB**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/joao-campos-passa-a-integrar-executiva-nacional-do-psb/60850/>. Acesso em: 03/01/2024.
- HALLIDAY, M. A. K., & MATTHIESSEN Matthiessen, C. **Halliday's Introduction to Functional Grammar** (4th ed.). Oxon: Routledge, 2014.
- LEIA JÁ. **Após polêmicas, João Campos desiste da secretaria da JSB**. 05 de jun. 2014. Disponível em: <https://m.leiaja.com/politica/2014/06/05/apos-polemicas-joao-campos-desiste-da-secretaria-da-jsb/>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- LIM, F. V. **The Analysis of Language and Visual Images – An Integrative Multisemiotic Approach**. A Dissertation Submitted for The Degree of Masters of Arts (English Language), Department of English Language and Literature, National University of Singapore, 2002.
- MARCO ZERO CONTEÚDO. **A grande família: os candidatos que herdam votos e poder em PE**. Recife, 04 de setembro de 2018. Disponível em: <https://marcozero.org/a-grande-familia-os-candidatos-que-herdam-votos-e-poder-em-pe/>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **Revolução em família**. Folha de São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1308200006.htm>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MIGUEL, Luis Felipe; MARQUES, Danusa; MACHADO, Carlos Augusto Mello. Capital familiar e carreira política no Brasil: gênero, partido e região nas trajetórias para a Câmara dos Deputados. **Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro**, v. 58, n. 3, p. 721-747, 2015. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/00115258201557>>.

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites da Paraíba (1985-2015)**. 290 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande - PB, Brasil, 2016. DOI: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/122>>.

NE1. **Legado de Miguel Arraes deixa lição para novas gerações**. Rede Globo Nordeste, 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5516020/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

Newfield, D. Transformation, Transduction and the transmodal Moment. In Jewitt, C. (ed.). **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London: Routledge, 2017. pp. 100-113.

NOBRE, Maria Cristina de Queiroz. “Herança familiar na política: retrato dos limites da democracia no Brasil contemporâneo”. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 430-438, set./dez./2017.

O’HALLORAN, K. L. (2005). **Mathematical discourse: Language, symbolism and visual images**. London/New York: Continuum.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de (org.). **Família importa e explica: instituições políticas e parentesco no Brasil**. São Paulo: Editora LiberArs, 2018.

REVISTA PIAUÍ. **O Herdeiro**. Abril de 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-herdeiro-3/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TAVARES, Douglas da Silva. **Estratégias Discursivas diante do Desafio de Ensinar Teoria e Prática em Cursos Técnicos não Presenciais**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2022.

VALOR ECONÔMICO. **Após racha na família, filho de Campos desiste de eleição no PSB**. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2014/06/05/apos-racha-na-familia-filho-de-campos-desiste-de-eleicao-no-psb.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2023.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar; MARQUES, Ana Claudia. O sangue e a política: sobre a produção de família nas disputas eleitorais no sertão de Pernambuco. **Revista Pós Ciências Sociais - REPOCS**, São Luís, MA, v. 14, n. 27, p. 33-51, 2017. Disponível em: DOI: 10.18764/2236- 9473.v14n27p33-51.